

humanitas

Vol. III

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HVMANITAS

VOLUME III



COIMBRA
MCML - MCMLI

Josephus **M. Mir**, c. m. f., — *Nova et vetera* seu libellus explicans picturas auxiliares «Delmas» ad linguas vivas usu edocendas methodo directa atque imagine. Ex Gallico opere ab E. Rochelle edito in Latinum convertit—. «Textus Palaestrae», Barcinone, [a. mcmxix]. 116 pp.

Que os idiomas clássicos não são *linguas mortas*, é verdade cuja evidência perdura em nossos dias. No entanto, se não pode negar-se que o grego seja como um novelo que se vem desenrolando desde a antemanhã pré-histórica sem nunca partir nem ter chegado ao cabo, quanto ao latim um destino diverso permitiu manifestarem-se reservas a um tempo confirmadas e infundadas. É que, por um lado, já não vive um latim oral que logre opor-se à forma *δγιασηκγί* do grego moderno, — a menos que se considerem ainda latim os vários falares românicos, aceitando e generalizando a expressão camoniana a respeito do português (1). Mas, por outro lado, à forma *καθαρεύουσα* do mesmo grego — esforço depurador e arcaizante, que está tentando a atribulada Grécia — corresponde, com vantagem, no domínio latino, tima tradição ininterrupta e imensamente fecunda, de natureza erudita e concretizada não só na adopção daquele como língua oficial da Igreja Católica, mas também no seu perene uso literário e científico, escolar e diplomático. Basta recordar alguns de entre os maiores cultores de um latim cronologicamente deslocado em relação ao seu emprego para avaliarmos a exuberância dessa produção. Assim os versos de Ausónio, de Claudiano, de Namaciano, a prosa de Eutrópio, de Apuleio, de Aulo Gélio, a reavivarem antigos esplendores nesse tardio crepúsculo da grandeza romana; a fluência de S. Bernardo, com seu brilho reflexo a iluminar a «noite medieva» do século XII ; e, na avassaladora irrupção renascentista que transformou a alma da Europa sob a inspiração da cultura clássica e deu à velha língua de Roma a ocasião de fixar ideias de uma era renovada em obras de pureza antiga, os primores estilísticos de Erasmo, «o novo Cícero», como disse uma voz particularmente autorizada; e também o eco lusitano desse humanismo que produziu «milagres» como as lições gregas de Vicente Fabricio, consoante o deslumbrado encómio de Clenardo ; e apurou, no

(1) *E nalingua, na qual quando imagina,
Com pouca corrupção creê que é a latina.*

campo do latim, as letras de Góis, Teive, Osório, Barbosa, Estaço ; e inspirou a musa de Caiado e a eloquência de Lucena e do bispo D. Garcia de Meneses, o «bárbaro» cuja dissertação veemente assombrou a corte de Sisto IV ; — esse humanismo que, todavia, segundo o Prof. Joaquim de Carvalho, não será só imitação, pois se define e condensa na frase lapidar de André de Resende: «Christianus sum, non Ciceronianus» (1). E, pelos séculos seguintes, não faltou quem, na comédia e no drama, na ode e na sátira, na oração e na epístola, prolongasse no tempo uma literatura bem mais que milenária.

Infelizmente, o principal senão do vastíssimo património de toda a baixa e moderna latinidade está na sua estreita dependência dos modelos clássicos, dependência que não raro limita a faculdade inovadora e anula a personalidade, em vez de ser estímulo e ponto de partida para novas experiências. Não se procurou imitar o processo criador desses grandes modelos, o qual fundira elementos preexistentes em combinações imprevisíveis, coetâneas, mas tão-sómente se contrafez a letra, agrilhoando o espírito a extemporâneos ideais, a sentimentos vãos. Claro que não entram nesta conta aqueles que deixaram escritos apologéticos, filosóficos ou científicos originais, porquanto na maioria dos casos a preocupação literária, não entrando nas suas intenções, acha-se ausente de tais obras que, por isso, não têm que ser aqui consideradas. Excepção admirável : o génio de Erasmo, criador de estilo pessoal, de acordo com a índole do latim (2).

Outros rumos nos trouxeram os tempos actuais. No domínio da poesia, a latinidade contemporânea, aproveitando as experiências romântica e posteriores, tenta, na renovação dos temas, actualizar a sensibilidade poética, como no-lo demonstram as composições que, anualmente, acorrem de vários cantos do mundo ao *certamen poeticum* de Amsterdão.

Busca-se hoje também o alargamento dos valores expressivos do latim, a sua adaptação à vida moderna, no sentido de facilitar-lhe mais amplas perspectivas no campo das relações culturais entre os povos. E assim vemos surgir em vários países revistas inteira ou parcialmente escritas na língua do Lácio. Por exemplo, a revista filológica *Mnemosyne* (Leida)

(1) «A Cultura, Renascença e Humanismo», in *Hist. da Lit. Pori. Ilustrada*, sob a direcção de Albino Forjaz de Sampaio, vol. 1, pp. 293-4.

(2) L. Laurand, *Manuel des Etudes grecques et latines*, ed. de 1918, fase, v, p. 622.

e as revistas literárias e de intenção didáctica *Alaudae* (Inglaterra), *Praeco Latinus* (E. Ü.), *Vox Urbis* e *Alma Roma* (Itália), *Candidatus Latinus* (Espanha), e até um encantador jornal. *Acta diurna*, editado em Inglaterra. Entre as demais revistas se destaca, pela sábia combinação de diversos elementos que interessam ao fim a que se destina —a formação de moços latinistas—, a simpática *Palaestra Latina*, publicada pelos padres da Congregação dos Filhos do Coração de Maria, de Barbastro (Espanha).

Integra-se nesta corrente de ideias o livro que vimos agora apresentar aos leitores da *Humanitas* : um atraente volume intitulado *Nova et vetera*, da autoria do P.^o José M. Mir, C. M. F. É obra já nossa conhecida e de há muito apreciada, pois reúne uma série de artigos que sob o mesmo título vem publicando, a partir de Outubro de 1944, a *Palaestra Latina*, de que é Director precisamente o erudito sacerdote que assina a obra, e onde os mesmos formam uma das secções mais instrutivas, por ser aquele que mais directamente surpreende a vida em uma publicação que deseja ser viva para ser eficiente. Cometimento limitado e ousado ao mesmo tempo : simples versão do original francês do opúsculo de Delmas — aquela mesma colecção de quadros tão familiar de quantos, como nós, por ela estudaram línguas modernas —, mas versão latina, o que, sem dúvida, encarece o mérito da empresa, ao ponto de atribuir-lhe foros de heroísmo. Designar, com efeito, no idioma de Virgílio, as mais diversas peculiaridades da nossa complexa e agitada civilização o mesmo é que ter de multiplicar o léxico latino por meio de neologismos sem conta, facto que põe duramente à prova o talento do autor e o poder expressivo da língua em causa. Do primeiro fala bastantemente o trabalho acumulado no livro, digno na verdade do maior apreço. Quanto ao segundo, não foi menos convincente o resultado da prova, pois apesar da queixa formulada por Lucrécio contra o seu idioma — *propter egestatem linguae* —, no tocante aos *Graiorum obscura reperta* (1), há no latim, como em todo o falar humano, incalculável aptidão enunciadora de novas invenções. O problema está em apropriar às circunstâncias os princípios formadores da língua — o seu génio próprio—, para o que é preciso conhecê-la profundamente e ser verdadeiro artista da palavra. Sirva de exemplo o desmentido que ao citado passo do *De natura rerum* dão a obra filosófica de Cícero e os próprios versos do poema augusto.

Se a qualidade do livro não bastasse para este se autorizar por si

(1) *De n. r.*, 1, iSy.

mesmo, da leitura do Prefácio, em que o A. expõe o método seguido para a formação dos neologismos, concluiríamos que estamos em presença de trabalho deveras consciente. De facto, o Rev.^o Mir, colocado entre opiniões divergentes — a dos que pretendem suprir com o recurso à opulência do grego as deficiências do latim e a dos que opinam pela latinização de formas lexicais modernas, mediante a aplicação de terminações adequadas—, examinou caso por caso, pacientemente, laboriosamente, e ora apropriou a objectos actuais os nomes daqueles que os precederam no serviço do homem (o caso, p. ex., de certos veículos), ora formou expressões novas com utilizar processos do latim — a composição e a derivação —, e só com louvável prudência é que adaptou formas modernas em casos extremos. Saber em que medida a aplicação destes princípios correu para a feliz escolha dos termos é questão que nos levaria a estudar aturadamente o texto, o que, não obstante o real interesse de tal pesquisa, nos impediria de anunciar desta vez aos leitores da *Humanitas* a aparição dos *Nova et vetera*. De um modo geral, sob este importantíssimo aspecto, a obra agrada. Um ou outro caso seria discutível, mesmo observado à primeira vista, como, já no subtítulo, o emprego de *methodo*. *Methodus* é helenismo denunciado por Berger na sua *Stylistique latine* (trad. francesa por Bonnet e Gaché), na qual se lê :

«Éviter l'emploi des mots grecs, à l'exception de ceux qui ont été véritablement adoptés par les Romains.

«Ne pas employer, par exemple :

«*Methodus*, pour *via*, *ratio*, *via et ratio*.» (1)

Com efeito, *ῥεθοδος*, na significação de «método», aparece em Platão (*Fedr.*, 270 c; cf. Bailly, *Diet, grec-français*). O termo passou para o latim posteriormente á época clássica, segundo o velho Freund, *Grand Diet, de la langue latine* (trad. de Theil), que se limita a citar o seguinte passo de Ausónio (i. é, de um poeta da decadência!): *Triplex quoque forma medendi, Cui logos, et methodos; cuique experientia nomen* (*Idil.*, 11, 67).

Urna vez que o livrinho pretende formar latinistas, sendo até excelente meio para isso, a sua linguagem deve constituir modelo de latinidade impecável. Eis porque, em nossa modesta opinião, talvez coubesse melhor no subtítulo dos *Nova et vetera*, em lugar de *methodo*, a palavra

(1) Pp. 11-12.

uia ou ainda *ratione*, como lembra o estilista Berger e consoante os bons exemplos ciceronianos:

Quae quidem res duplicem habet docendi uiam (Orator, 32, 114);

Mea autem ratio in dicendo haec esse solet, ut, etc. (De oratore, 2, 72).

Contudo — e eis o que importa—, as 116 pp. do trabalho representam uma contribuição positiva para actualizar o latim. E, quando chegar a hora de constituir-se uma comissão internacional encarregada de fixar nesse idioma a terminologia científica, como preconiza o Instituto di Studi Romani e auguram quantos querem ver aceita como expressão universal da Ciência a língua-mãe das nossas línguas românicas, na «*mesa redonda*» a que se sentarem esses delegados não poderão faltar os *Nova et vetera* do ilustre P.^e Mir.

Diremos finalmente ao leitor interessado que *Nova et vetera* são um volume ilustrado com a reprodução dos conhecidos quadros de Delmas (1) e que a obra contém, além de um prefácio, nótula bibliográfica e copioso vocabulário latino-espanhol e espanhol-latino, os seguintes capítulos corpondentes a cada gravura : *Schola — Lyceum — Aula ; Corpus humanum — Animi relaxatio — Ludi; Infantia et adulescentia: Sollemnia baptismatis in vico; Festum publicum; Juventus et senectus: Nuptiarum epulae; Juventus et senectus: Dies natalis avi; De domo ejusque constructione; Pars interior domus— Supellex—Victus — Illuminatio ; Vicus hiberno tempore ; Villa verno tempore ; Messis — Agri aspectus ; Venatio — Vindemia — Piscatio; Mons — Balnea; Silva—Venatio; Mare — Portus; Urbs ejusque monumenta — Incendium ; Statio Ferrivia — Naves ; Deversorium — Caupona — Cafeum; Via — Mercatores ; Macellum — Penus ; Magnum receptaculum — Taberna universalis mercium — Crepundia.*

AURÉIO PEIXOTO PAIS TAVARES.

(1) Pena é que o A. não houvesse preferido ilustrações mais de harmonia com a vida contemporânea, como faz nos últimos números da *Palaestra Latina*.